

O FISCULTURISMO BRASILEIRO COMO LABORATÓRIO CORPORAL: BIOPOLÍTICA, ESTÉTICA E MERCADO DO CORPO

BRAZILIAN BODYBUILDING AS A BODY LABORATORY: BIOPOLITICS, AESTHETICS, AND THE BODY MARKET 

EL FISICOCULTURISMO BRASILEÑO COMO LABORATORIO CORPORAL: BIOPOLÍTICA, ESTÉTICA Y MERCADO DEL CUERPO 

 <https://doi.org/10.22456/1982-8918.153458>

 **Eduardo Pinto Machado*** <eduardo.machado@ufrgs.br>

 **Alan Camargo Silva**** <alancamargo10@gmail.com>

* Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, RS, Brasil.

** Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Resumo: Este ensaio analisa a consolidação do fisiculturismo brasileiro no cenário internacional, tomando como eixo interpretativo as transformações contemporâneas nos modos de produzir, governar e tornar visível o corpo. A partir dos referenciais teóricos de Michel Foucault e Nikolas Rose, o fisiculturista é compreendido como sujeito que internaliza práticas de bioascese, autogoverno e responsabilização, convertendo o corpo em projeto técnico, estético e continuamente otimizável. O estudo examina o corpo na intersecção entre biopolítica, técnica, mercado e cultura digital, destacando como a midiatização do treino e da rotina institui regimes de visibilidade contínua mediados por plataformas digitais. Argumenta-se que o possível surgimento de uma “virada brasileira” no fisiculturismo resulta da convergência entre uma estética corporal historicamente produzida no contexto brasileiro e a lógica da cultura fitness digital, que transforma disciplina em conteúdo, engajamento e capital simbólico. Nesse processo, sustenta-se que o fisiculturismo brasileiro opera como um laboratório corporal de experimentação estética e identitária, no qual o corpo se afirma como artefato ético, político e cultural, refletindo tensões centrais da subjetividade contemporânea em um contexto globalizado.

Palavras-chave: Fisiculturismo. Corpo. Biopolítica. Identidade.

Recebido em: 6 fev. 2026
Aprovado em: 11 mai. 2026
Publicado em: 30 jul. 2026



Este é um artigo publicado sob a licença *Creative Commons* Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0)

1 O CORPO BRASILEIRO EM CENA: ENTRE NATUREZA, TÉCNICA E IDENTIDADE

O fisiculturismo brasileiro consolidou-se, nos últimos anos, como um fenômeno esportivo e cultural sem precedentes. A presença recorrente de atletas nacionais nos pódios das maiores competições internacionais, especialmente no Mr. Olympia, revela não apenas um avanço técnico, mas uma transformação simbólica mais ampla em torno do corpo, da estética e dos modos socialmente valorizados de exibição corporal. Ainda que tenhamos a diversidade do “corpo brasileiro” (Goldenberg, 2010a, 2010b), compreender o que permitiu que o corpo esculpido se tornasse signo de reconhecimento e pertencimento na sociedade brasileira contemporânea exige que interroguemos as racionalidades que governam o corpo, a técnica e a visibilidade.

O recente protagonismo do Brasil no cenário mundial não se explica apenas pela evolução de métodos de treino, nutrição ou acesso a recursos, mas pela emergência de uma cultura corporal aparentemente singular. Por exemplo, na categoria Classic Physique,¹ a rivalidade entre o canadense Chris Bumstead² e o brasileiro Ramon Dino³ tornou-se símbolo de uma disputa estética e simbólica; na categoria Wellness,⁴ o domínio brasileiro foi tão marcante que redefiniu o padrão global de feminilidade atlética. Esse indicativo de “virada brasileira” sugere que o país possivelmente deixou de ocupar posição periférica para tornar-se referência, exportando atletas, técnicas e uma estética corporal que combina sensualidade, disciplina e identidade nacional. Em outras palavras, o “corpo brasileiro” passou a condensar valores estéticos e simbólicos que dialogam com o imaginário global sem, contudo, abdicar de particularidades locais. No fisiculturismo contemporâneo, essa articulação entre o global e o nacional opera tanto no plano das formas corporais quanto no das narrativas que as legitimam socialmente.

Nesse contexto, o ensaio analisa o fisiculturismo nacional sob as perspectivas de Michel Foucault (2008, 2019, 2020) e Nikolas Rose (1998, 2013), referenciais teóricos fundamentais para decifrar a fabricação atual do biotipo atlético. A modalidade é aqui interpretada como um dispositivo, entendido como uma rede heterogênea composta por discursos, instituições, normatizações e saberes científicos articulados em torno da produção e regulação de práticas corporais (Foucault, 2019, 2020). Tal arranjo articula elementos visíveis e implícitos, do treinamento rigoroso ao mercado suplementar e à exposição digital, para atender à demanda biopolítica de

¹ Categoria do fisiculturismo masculino que privilegia simetria, proporção e estética inspirada nos padrões clássicos do esporte, especialmente os anos 1970, em contraste com a hipertrofia extrema.

² Fisiculturista canadense, multicampeão do Mr. Olympia na categoria Classic Physique, considerado referência global contemporânea dessa divisão.

³ Fisiculturista brasileiro, destaque da categoria Classic Physique e um dos principais atletas do país no cenário internacional. Campeão do Mr. Olympia 2025, tornou-se símbolo da ascensão brasileira no fisiculturismo contemporâneo ao disputar, em alto nível, a hegemonia estética da categoria e projetar o Brasil como referência global no esporte. A reportagem sobre Ramon Dino na ESPN mostra como a evolução do atleta fez o Brasil se consolidar como expoente no cenário do fisiculturismo internacional. (RAMON DINO faz história e conquista inédito Mr. Olympia para o Brasil. **ESPN.com.br**, 12 out. 2025. Disponível em: https://www.espn.com.br/artigo/_/id/15803672/ramon-dino-faz-historia-e-conquista-inedito-mr-olympia-para-o-brasil. Acesso em: 15 jan. 2025.)

⁴ Categoria feminina do fisiculturismo que enfatiza volume muscular em membros inferiores, curvas e proporção corporal, tendo o Brasil como principal referência estética e competitiva internacional.

aprimoramento físico. Assim, busca-se problematizar o esporte como um domínio produtor de práticas no qual convergem ética, técnica e política; um campo no qual o corpo emerge tanto como construção histórica quanto como mecanismo estratégico de poder.

Parte-se da ideia de que o corpo do atleta, neste contexto, é expressão de uma racionalidade que governa e mede a vida. O fisiculturismo é um exemplo da biopolítica moderna; a gestão do corpo como projeto individual (Rose, 2013) e valor social. Foucault (2019, 2020) mostrou que o corpo é lugar de exercício do poder, onde práticas de disciplina e normalização produzem subjetividades específicas. Nessa direção, o atleta se torna, simultaneamente, sujeito e objeto de uma intervenção contínua sobre si, encarnando um ideal de controle e superação. A rotina minuciosa de treinos, dietas e medições traduz a biopolítica em atos concretos: cada refeição pesada em gramas, cada repetição filmada e exibida como testemunho de sacrifício. O corpo é vitrine e altar de uma ética da dor e da negação, em que o sofrimento é sinal de autenticidade e mérito (Machado, 2020).

Rose (2013) amplia essa perspectiva ao descrever a modernidade tardia como uma "política da própria vida", na qual a biologia se converte em território privilegiado de intervenção e otimização técnica. No fisiculturismo, essa racionalidade se manifesta na figura do atleta que internaliza e radicaliza a bioescese (Machado, 2020), entendida como o aperfeiçoamento contínuo de si que articula imperativos morais, estéticos e econômicos. A intervenção técnica, nesse contexto, não nega a natureza, mas a prolonga: o corpo torna-se o lugar em que o natural e o artificial se hibridizam, configurando uma continuidade entre biologia, técnica e invenção. O fisiculturista emerge como figura-limite desse prolongamento, atravessado por máquinas, substâncias e métodos que reorganizam a relação do sujeito consigo mesmo. A musculatura, mais do que biologia transformada, constitui o símbolo de uma ontologia técnica da existência, na qual disciplina, cálculo e autovigilância operam como formas de governo da vida. Nesses termos, o fisiculturista pode ser compreendido como uma figura exemplar do biopoder, no sentido foucaultiano (Foucault, 2019, 2020), ao assumir a gestão minuciosa da própria carne em nome da eficiência, da visibilidade e do êxito social.

No que diz respeito à relevância desse tipo de trabalho, argumentamos que compreender o fisiculturismo implica deslocar o olhar do músculo para as condições históricas, culturais e políticas que o erigem como ideal. O corpo atlético emerge como resultado de uma economia simbólica que articula biopolítica, técnica e estética, na qual disciplina, visibilidade e reconhecimento se entrelaçam. Nesse sentido, o fisiculturismo brasileiro, ao conjugar tradição corporal, bioescese e mediação digital, exemplifica como o corpo pode ser simultaneamente produto e produtor de sentido, isto é, um território no qual se disputam valores, identidades e visões de mundo. Mais do que uma modalidade esportiva, ele se configura como espelho de nosso tempo: o corpo como obra, espetáculo e campo de poder, cuja legitimação e projeção extrapolam o espaço competitivo e se ampliam pela circulação digital de imagens, performances e narrativas corporais.

Ensaio teórico como este tornam-se particularmente relevantes no contexto brasileiro, onde o fisiculturismo tem ocupado crescente visibilidade midiática e produzido efeitos que extrapolam o campo esportivo estrito, incidindo sobre modos de subjetivação, valores morais e imaginários sociais acerca do corpo. Ao privilegiar uma abordagem reflexiva, o texto busca contribuir para a compreensão do fisiculturismo não apenas como prática atlética ou estética, mas como fenômeno social atravessado por racionalidades políticas, econômicas e culturais que organizam a relação contemporânea com a vida, a técnica e o trabalho sobre si.

Destarte, este trabalho analisa a consolidação do fisiculturismo brasileiro no cenário internacional, tomando como eixo interpretativo as transformações contemporâneas nos modos de produzir, governar e tornar visível o corpo. Neste ensaio, a noção de brasilidade é compreendida menos como essência cultural e mais como efeito histórico-discursivo produzido na interseção entre estética, mercado e regimes globais de visibilidade (Goldenberg, 2007).

A justificativa para o recorte focado no fisiculturismo brasileiro reside no fato de o país ter se tornado, na última década, um polo de produção de subjetividades e padrões estéticos que tencionam a hegemonia norte-americana e europeia na modalidade. Enquanto o fisiculturismo global tradicionalmente se pautou por uma estética de massa muscular extrema e simetria clássica, o cenário nacional introduziu uma "gramática corporal" (Goldenberg, 2007) própria, marcada pela ênfase na hiperfeminilidade e em proporções singulares que culminaram na exportação da categoria Wellness. Essa "virada" não se restringe ao campo conceitual, mas materializa-se nos resultados inéditos de atletas como Ramon Dino, que consolidou o Brasil como epicentro técnico e midiático ao rivalizar pelo topo da categoria Classic Physique. O sucesso de Dino, somado à hegemonia absoluta de brasileiras nos pódios mundiais, demonstra que o país deixou de ser um competidor periférico para atuar como o principal definidor das tendências estéticas e dos regimes de visibilidade que operam no fisiculturismo contemporâneo.

Além disso, o Brasil destaca-se pela densidade de sua cultura de "corpo como capital" (Goldenberg, 2007) e pelo crescimento explosivo de um mercado fitness digital que converte a disciplina cotidiana em espetáculo e engajamento. Assim, o recorte brasileiro justifica-se por representar um laboratório biopolítico singular, onde a expertise técnica de manipulação do corpo encontra um terreno cultural fértil de exposição e consumo, permitindo observar fenômenos de aprimoramento humano e gestão da visibilidade que são, hoje, referências para o fenômeno global.

Este ensaio estrutura-se em quatro movimentos. Primeiramente, estabelece-se a lente teórico-metodológica que fundamenta as problematizações propostas, compreendendo o corpo brasileiro em cena como uma construção simbólica e técnica, situada na tensão entre natureza e artifício e articulada à produção de identidades. Na sequência, examinam-se as tensões do fisiculturismo como prática na qual a disciplina e a bioascese engendram corpos pautados por técnicas de governo de si. O terceiro momento investiga o possível surgimento de uma 'virada brasileira' na modalidade, analisando como a mediatização do treinamento, o protagonismo

das plataformas digitais e a expansão do mercado fitness brasileiro podem estar reorganizando os regimes de visibilidade, gênero e reconhecimento em escala global. Por fim, as considerações finais reiteram o corpo brasileiro como laboratório de identidade, no qual técnica e subjetividade se entrelaçam na produção de uma ética corporal própria da contemporaneidade.

2 BIOPOLÍTICA DO MÚSCULO: TÉCNICA, BIOASCESE E GOVERNO DE SI

O crescimento do fisiculturismo no Brasil não se limita a uma moda estética ou a um fenômeno de consumo: ele expressa as novas formas de gestão da vida e de governo de si que estruturam a contemporaneidade. Nas academias e nas redes sociais, o corpo se torna vitrine, capital e promessa; espaço onde disciplina, desejo e identidade se entrelaçam. É nesse terreno que Foucault (2019) oferece ferramentas analíticas decisivas: o corpo como alvo e instrumento do poder, território privilegiado onde a biopolítica organiza condutas e produz verdades sobre o que significa "ser saudável", "ser forte" ou "ter sucesso".

Foucault (2020) descreve a formação de corpos dóceis, produzidos por uma microfísica do poder que se exerce por meio de gestos, ritmos e repetições. O treino diário, o controle alimentar e o registro sistemático de medidas e calorias atualizam essa lógica disciplinar, na qual a força bruta cede lugar à eficiência calculada. Em outra oportunidade, Foucault (2019) cita que o poder moderno se revela não apenas repressivo, mas produtor de vida: regula, estimula e normaliza. O culto contemporâneo ao corpo inscreve-se, assim, como uma política da vida travestida de liberdade, em que o sujeito se converte em gestor de si mesmo, empresário da própria vitalidade, e o corpo em objeto de investimento permanente. No fisiculturismo, essa racionalidade se materializa como estética da superação: o corpo deve ultrapassar seus limites naturais para atingir a perfeição que o mercado promete e o olhar digital consome.

Entretanto, o corpo não se reduz a mero efeito do poder; ele é também espaço de invenção e rearranjo das próprias normas que o atravessam. Nas brechas do governo biopolítico, emergem práticas corporais que reconfiguram a relação do sujeito consigo mesmo. Sob a lente foucaultiana, essas práticas não se opõem frontalmente ao poder, mas operam como modos específicos de subjetivação. Em diálogo com essa perspectiva, Rose (1998, 2013) mostra como, na modernidade tardia, o governo da vida se exerce por meio da autonomia, da escolha e da responsabilização individual. O fisiculturismo inscreve-se nesse horizonte como técnica de si: um conjunto de exercícios, saberes e rotinas por meio dos quais o sujeito se produz ativamente como projeto corporal (Foucault, 2019).

Nesse sentido, a "técnica de treino" pode ser compreendida como uma pedagogia do corpo que articula disciplina e autoaperfeiçoamento. O aprendizado da dor, do controle e da repetição não se impõe apenas de fora, mas é incorporado como valor e virtude (Silva; Ferreira, 2019). Sob a lente foucaultiana (Foucault, 2019, 2020), o governo de si define-se como uma prática reflexiva e voluntária de ascese, por meio da qual o sujeito se constitui através de exercícios contínuos, cálculos minuciosos e uma constante autovigilância sobre sua própria conduta. O fisiculturista treina como

quem aprende uma linguagem: incorpora ritmos, posturas e gestos que expressam uma moral específica. Sua técnica é simultaneamente científica e normativa, cálculo e crença, gestão racional do corpo e ritual cotidiano de aperfeiçoamento.

Podemos considerar, assim, que o corpo não é algo dado, mas continuamente produzido pela intervenção sobre ele e nele. O homem é um ser de remediações: fabrica-se para existir. O fisiculturismo aparece como expressão exemplar dessa lógica de reinvenção de si, fundada na concepção do corpo como um laboratório ambulante: um espaço de experimentação química, estética e simbólica. Entre o natural e o artificial, o músculo esculpido torna-se metáfora da modernidade tardia, na qual o humano passa a se projetar como obra em permanente construção (Machado, 2020).

Essa transformação é também relativa aos modos de produção de saberes sobre o corpo. Em uma perspectiva foucaultiana (Foucault, 2019; 2020), interessa compreender como determinadas práticas, discursos e tecnologias passam a constituir novas formas de conhecer, experimentar e intervir corporalmente. O fisiculturismo dissolve fronteiras entre biologia e imagem, fisiologia e espetáculo, ciência e desejo. Suplementos, anabolizantes e dietas extremas operam como dispositivos de pensamento: não apenas meios de intervenção corporal, mas formas de explorar e testar os limites da carne. Tais práticas integram um cenário mais amplo de biomedicalização da vida (Rose, 2013), no qual o consumo de artefatos biomédicos e farmacológicos deixa de responder apenas à doença para tornar-se estratégia ordinária de aprimoramento, desempenho e produção de si (Rohden, 2017). O corpo deixa de ser invólucro do sujeito para tornar-se experimento contínuo. A racionalidade médica e a estética do palco se encontram, compondo aquilo que Machado (2020) descreve como uma verdadeira "filosofia da hipertrofia", na qual o corpo se converte em texto e testemunho de uma humanidade que se refaz pelo artifício.

O corpo experimental é também signo, e essa dimensão ganha contornos específicos quando observada no fisiculturismo praticado no Brasil. É possível compreender como esse corpo não é apenas treinado ou exibido, mas produzido no cruzamento entre biopoder, tecnologias do eu e regimes contemporâneos de responsabilização que assume notoriedade no contexto brasileiro. No Brasil, marcado pela centralidade da aparência, pela valorização pública da força e pela circulação massiva de imagens corporais em academias, redes sociais e competições, a musculatura torna-se um dispositivo privilegiado de reconhecimento social. O corpo do fisiculturista inscreve visualmente valores como disciplina, virilidade, superação e mérito, funcionando como prova material de um trabalho contínuo de autogoverno.

De modo mais preciso, as análises de Rose (1998, 2013) permitem avançar na compreensão de como esse processo se organiza moralmente: o fisiculturista é constantemente interpelado a gerir riscos, monitorar indicadores corporais, ajustar dietas, ciclos e rotinas, e responder individualmente pelos sucessos e fracassos de sua performance. Essa lógica de autogestão não se apresenta como imposição externa, mas como escolha, desejo e projeto de si, em consonância com aquilo que

Foucault (2019, 2020) descreveu como formas contemporâneas de governo que operam pela liberdade. Assim, o corpo hipertrofiado não é apenas um ideal estético, mas um marcador de competência moral e técnica, ou seja, alguém que "sabe cuidar de si" e que demonstra, no próprio corpo, sua capacidade de disciplina (Machado, 2020).

Ainda que profundamente inserido em circuitos de visibilidade e consumo, esse corpo não se reduz à imagem. No cotidiano das academias brasileiras, nas rotinas extenuantes de treino e nas narrativas de dor, lesão e sacrifício, persistem elementos materiais que escapam à lógica puramente espetacular (Silva; Ferreira, 2019). O fisiculturismo evidencia, desse modo, uma tensão constitutiva: ao mesmo tempo em que o corpo é governado, exibido e avaliado, ele também resiste, falha e sofre. É nessa fricção entre projeto de si, limite corporal e reconhecimento social que o fisiculturismo brasileiro se revela como campo privilegiado para analisar as formas contemporâneas de produção da subjetividade corporal.

Assim, o corpo brasileiro que se produz nesse campo é simultaneamente biopolítico e expressivo, técnico e simbólico, disciplinado e supostamente "repleto de excessos". Ele traduz o corpo como o principal projeto de si, lugar privilegiado de investimento moral, estético e existencial. Nesse sentido, reside o fascínio do/pelo fisiculturismo: no corpo que se fabrica, se exhibe e se supera, mas que também sonha, isto é, potência, reconhecimento e sobrevivência em um mundo que exige presença total.

3 INDÍCIOS DE UMA VIRADA: A ASCENSÃO DO FISCULTURISMO BRASILEIRO ENTRE O MERCADO E A MÍDIA

A emergência da cibercultura no contexto fitness transformou profundamente a forma como o corpo é produzido, exibido e reconhecido socialmente. Plataformas como YouTube, Instagram e TikTok tornaram-se espaços centrais de legitimação estética e pedagógica, deslocando parcialmente o papel antes ocupado por treinadores presenciais e revistas especializadas. O treino deixa de ser uma prática localizada, restrita à academia, para converter-se em espetáculo contínuo, mediado por algoritmos, métricas de engajamento e circulação imagética. Esse regime de visibilidade permanente institui uma lógica de exposição na qual a performance corporal passa a depender, em grande medida, da resposta do público, frequentemente sobrepondo-se a parâmetros técnicos ou científicos tradicionais.

No Brasil, o impacto desse ambiente comunicacional digital pode ser observado no crescimento expressivo de canais e perfis dedicados à difusão de práticas corporais, regimes alimentares e narrativas de transformação física. Canais como os de Fernando Sardinha⁵ e Renato Cariani⁶, com milhões de inscritos, exemplificam a consolidação de um campo midiático especializado na tradução do saber técnico do

⁵ Fisiculturista e divulgador brasileiro, pioneiro na popularização da musculação e do fisiculturismo por meio de conteúdos educativos e midiáticos no país.

⁶ Influenciador, empresário e ex-atleta do fisiculturismo, figura central na difusão contemporânea do fitness no Brasil, articulando treino, suplementação e cultura digital.

fisiculturismo para um público ampliado. Mais do que números de audiência, esses dados indicam a capilaridade de um ecossistema comunicacional que profissionalizou a mediação do conhecimento sobre treino, dieta e uso de hormônios. Sua força reside na oferta de uma pedagogia corporal contínua, sustentada pela exposição cotidiana de rotinas, bastidores e testemunhos pessoais. Práticas que, antes circunscritas a publicações especializadas, passam a integrar o consumo ordinário de imagens, legitimando o corpo performático pela lógica da visibilidade e do engajamento.

Influenciadores e atletas como Ramon Dino, Chris Bumstead (CBum) e Vivi Winkler⁷ condensam narrativas corporais que associam transformação física, disciplina e reconhecimento social, ainda que frequentemente apoiadas em técnicas, regimes e recursos pouco acessíveis à maioria. A autoridade desses perfis não se funda exclusivamente no desempenho competitivo, mas na capacidade de converter a experiência corporal em linguagem visual e afetiva, amplamente circulável nas plataformas digitais. Nesse circuito, o corpo ultrapassa sua condição de materialidade biológica e passa a operar como discurso público, no qual esforço, constância e visibilidade funcionam como critérios centrais de legitimação.

Essa mediação digital contribui para a constituição de novas formas de autoridade no campo das práticas corporais, que passam a coexistir — nem sempre de modo harmônico — com os saberes acadêmico profissionais da Educação Física. Ao transformar rotinas intensivas de treino em conteúdos aspiracionais, tais narrativas tendem a reforçar processos de responsabilização individual, nos quais o êxito corporal é apresentado como resultado direto da adesão a técnicas de si. Nessa lógica, o corpo configura-se como projeto permanente de aperfeiçoamento e exposição, produzindo modos específicos de subjetivação alinhados às dinâmicas contemporâneas de visibilidade, mercado e autogestão da vida (Rose, 2013; Machado; Fraga, 2024).

Essa nova forma de autoridade corporal pode ser compreendida a partir das análises foucaultianas sobre os regimes de visibilidade e da noção de governo dos corpos, em articulação com as reflexões de Rose (1998, 2013) acerca da responsabilização individual e da autogestão de si. No ambiente digital, o corpo do fisiculturista deixa de ser apenas resultado de um processo orgânico de treino e passa a operar como artefato comunicacional: uma imagem cuidadosamente produzida, editada e narrada para circulação pública. O valor do corpo não reside exclusivamente em sua materialidade biológica, mas em sua capacidade de ser visto, reconhecido e acreditado. Nesse sentido, a musculatura torna-se prova visual de disciplina, autocontrole e mérito: elementos centrais da racionalidade biopolítica contemporânea.

No fisiculturismo brasileiro, essa lógica ganha contornos específicos, na medida em que o sucesso esportivo e midiático passa a depender, de forma crescente, da capacidade do atleta de administrar sua própria imagem como capital simbólico. A autoridade não se constrói apenas pelo título competitivo, mas pela coerência entre

⁷ Atleta e influenciadora do fisiculturismo feminino, conhecida pela ampla circulação de conteúdos sobre treino, estética corporal e estilo de vida fitness.

corpo, narrativa pessoal e visibilidade contínua nas plataformas digitais. A disciplina cotidiana, o sacrifício e a dor são convertidos em discurso visual convincente, reforçando a ideia de que a transformação corporal é sempre apresentada como possível, desde que o indivíduo se submeta integralmente às técnicas de si. Tal dinâmica exemplifica o que Rose (1998, 2013) descreve como a internalização das normas de otimização, nas quais o sujeito governa a própria carne em nome de reconhecimento, sucesso e pertencimento. Esse mesmo ambiente comunicacional cria as condições para a emergência de novos modelos corporais no fisiculturismo competitivo. A criação da categoria Wellness pela IFBB pode ser lida como resposta biopolítica às transformações culturais em torno de gênero, saúde e feminilidade, especialmente no contexto brasileiro. Ao privilegiar uma composição corporal que combina força, proporção e traços historicamente associados à estética nacional, a categoria não apenas reorganiza critérios técnicos de julgamento, mas institui uma pedagogia estética específica. Trata-se de um regime normativo que orienta o modo como o corpo feminino deve ser produzido, exibido e reconhecido, articulando mercado, instituições esportivas e expectativas sociais. Assim, longe de representar mera variação técnica, a Wellness expressa a capacidade do fisiculturismo de absorver demandas culturais e traduzi-las em normas corporais, reafirmando o corpo como principal lugar de investimento moral, estético e político.

Oficializada pela IFBB em 2017, a categoria Wellness pode ser compreendida não apenas como inovação técnica, mas como resposta institucional às transformações culturais, estéticas e mercadológicas que já se manifestavam, de modo particularmente intenso, no contexto brasileiro. Antes de sua formalização, competições regionais no Brasil e na América Latina já evidenciavam corpos femininos que não se ajustavam plenamente às categorias então existentes, sobretudo no que se refere ao volume e à proporção de glúteos e coxas. Ao reconhecer esse padrão emergente, a federação internacional não apenas reorganizou critérios competitivos, mas legitimou uma estética desenvolvida historicamente à margem dos eixos normativos norte-americano e europeu. Trata-se, portanto, de um ponto de inflexão biopolítico, no qual um saber corporal localizado é incorporado ao regime global do fisiculturismo, convertendo uma demanda cultural em norma esportiva e mercadológica.

Atletas brasileiras como Eduarda Bezerra⁸ (campeã da categoria Wellness no Mr. Olympia 2025), Isa Pereira⁹ (campeã da categoria Wellness no Mr. Olympia 2024) e Francielle Mattos¹⁰ (campeã da categoria Wellness no Mr. Olympia entre 2021 e 2023) ilustram a consolidação do Brasil como referência mundial na categoria. Seus corpos materializam um deslocamento simbólico do eixo normativo norte-americano para o Sul Global, articulando alto grau de disciplina técnica com uma estética associada à naturalidade e à feminilidade brasileira. Contudo, essa visibilidade internacional reintroduz tensões persistentes em torno do corpo feminino, na medida

⁸ Fisiculturista profissional brasileira, campeã da categoria Wellness no Mr. Olympia (2025) e no Arnold Classic Ohio (2025), reconhecida como uma das principais referências técnicas contemporâneas da divisão.

⁹ Fisiculturista profissional brasileira, campeã mundial da categoria Wellness no Mr. Olympia 2024, destacando-se no cenário internacional pela consolidação recente do Brasil na modalidade.

¹⁰ Fisiculturista profissional brasileira, campeã do Mr. Olympia na categoria Wellness entre 2021 e 2023, considerada referência histórica na definição do padrão estético da divisão.

em que a Wellness estabelece limites normativos claros para a hipertrofia, regulando o quanto de força pode ser exibido sem comprometer a inteligibilidade do corpo como feminino (Oliveira, 2024).

Sob uma leitura foucaultiana, pode-se argumentar que esses corpos não se apresentam como simples expressões livres de potência, mas como resultados de técnicas disciplinares altamente refinadas, que produzem corpos eficientes, controlados e legíveis dentro de um regime estético específico. A promessa de "liberação" pelo desempenho e pelo reconhecimento competitivo opera, paradoxalmente, por meio da docilização do corpo: treinar, posar, maquiar-se e apresentar-se tornam-se práticas reguladas que orientam não apenas o músculo, mas a forma correta de existir publicamente como atleta mulher. O poder não atua por proibição direta, mas pela indução de condutas desejáveis e pela produção de modelos de excelência corporal.

As contribuições de Rose (2013) permitem aprofundar essa leitura ao evidenciar como tais normas são internalizadas e administradas pelas próprias atletas. A feminilidade não é apenas imposta de fora, mas continuamente gerida como parte do projeto de si: cabelo, maquiagem, postura e narrativa pessoal funcionam como tecnologias de subjetivação que asseguram que a musculatura seja percebida como atributo legítimo e desejável, e não como transgressão de gênero. O empoderamento, nesse contexto, não se dá fora das normas, mas por meio de sua incorporação estratégica. As atletas não apenas constroem músculos, mas governam cuidadosamente os signos de feminilidade que tornam seus corpos reconhecíveis, competitivos e socialmente valorizados dentro do campo do fisiculturismo contemporâneo

De modo similar, categorias Men's Physique e Classic Physique surgiram como resposta à saturação do fisiculturismo extremo. Apresentadas como alternativas mais "acessíveis" ou "equilibradas", atraíram um público desejoso de integrar-se à estética do fisiculturismo sem aderir à lógica da radicalização técnica. A valorização discursiva do "corpo mais natural", contudo, remete a uma tensão cultural mais antiga, visível já nos anos 1960 (Le Breton, 2016), quando movimentos contraculturais (como o universo hippie) opunham espontaneidade, natureza e autenticidade à artificialização e ao controle excessivo dos corpos. Rapidamente, essas divisões consolidaram seus próprios padrões de excelência, tornando-se igualmente excludentes. A promessa de democratização revelou-se novo modo de hierarquização, agora mediado pela aparência de naturalidade.

A criação da Men's Physique¹¹ em 2012 catalisou a expansão do fisiculturismo brasileiro. Focada em ombros largos, cintura estreita e abdômen definido, tornou-se porta de entrada para o esporte na América Latina. Essa mudança ampliou o pool

¹¹ A categoria Men's Physique é uma divisão do fisiculturismo criada oficialmente pela IFBB no início da década de 2010, com o objetivo de valorizar um padrão corporal considerado mais "estético" e comercialmente acessível do que o fisiculturismo tradicional. Nela, prioriza-se a harmonia corporal, a largura de ombros em relação à cintura, a definição muscular moderada e a apresentação geral, sem exigir grande volume muscular, separações extremas ou poses compulsórias clássicas. Os atletas competem utilizando bermudas específicas, o que reforça o afastamento simbólico em relação às categorias mais massivas e aproxima a modalidade de ideais contemporâneos de masculinidade, consumo e visibilidade midiática no fitness.

de atletas e criou mercado para novos influenciadores e empreendedores do fitness, consolidando a transição de esporte de nicho para fenômeno de cultura de massa. Enquanto a Men's Physique instituiu o corpo de linhas suaves e cintura estreita, a Classic Physique reatualizou o imaginário da "era dourada" do fisiculturismo, com proporção e simetria dos anos 1970. Cada nova categoria amplia alcance sem alterar fundamento: fabricação de distinção por meio da forma física.

A segmentação das categorias no fisiculturismo organiza uma economia hierárquica do corpo, na qual diferentes formas corporais passam a concentrar valores distintos de reconhecimento, prestígio e visibilidade. Cada categoria institui um regime normativo próprio, produzindo corpos específicos por meio de técnicas disciplinares minuciosas que regulam volume, proporção, definição e apresentação. Sob uma leitura foucaultiana, trata-se de dispositivos de classificação que tornam os corpos legíveis, comparáveis e avaliáveis, distribuindo posições dentro do esporte a partir de critérios estéticos rigidamente codificados. As análises de Rose (2013) permitem compreender como esses regimes são internalizados pelos atletas, que aprendem a administrar seus corpos como ativos estratégicos, ajustando práticas, investimentos e expectativas às promessas de reconhecimento oferecidas por cada segmento. A multiplicação de categorias não elimina a hierarquização; ao contrário, redistribui o valor corporal em circuitos diferenciados, nos quais a aparência física funciona como recurso central de distinção. Assim, o fisiculturismo contemporâneo se estrutura como um sistema refinado de produção e circulação de corpos governáveis, em que a disciplina, a autogestão e a visibilidade convergem para transformar o corpo em patrimônio simbólico acumulável e diferencial.

Paralelamente, a expansão das academias, das clínicas estéticas e do mercado de suplementação consolidou, no Brasil, um complexo articulado entre economia, mídia e saberes biomédicos que reconfigura as formas de cuidado de si (Silva; Ferreira, 2019). O cultivo do corpo deixa de ser escolha individual para tornar-se obrigação cotidiana e investimento contínuo. Nessa direção, tal dinâmica aproxima-se do que Rohden (2017) identifica como a mercantilização e fetichização dos recursos biomédicos, em que fármacos, suplementos e procedimentos estéticos passam a funcionar como bens de estilo de vida e marcadores de distinção social.

Assim, redes de academias, procedimentos estéticos e regimes nutricionais sustentam uma cultura de otimização permanente, na qual o corpo passa a ser tratado como recurso biológico e simbólico a ser constantemente aprimorado. Em consonância com os apontamentos de Rose (1998, 2013), a vida corporal é governada por lógicas de responsabilização individual, eficiência e mensuração de resultados, deslocando para o sujeito a tarefa de administrar sua própria vitalidade. Nesse contexto, a disciplina do fisiculturismo (antes restrita ao universo competitivo) difunde-se como norma social ampliada, na qual o valor do indivíduo tende a ser aferido pela visibilidade, pela produtividade corporal e pelo "retorno estético" de seus investimentos sobre si.

Dentro dessa lógica, consolidou-se uma estética identificada (e estereotipada) como "brasileira" que, longe de ser uma essência cultural, opera como um efeito

histórico-discursivo marcado por curvas, proporções e sensualidade que influenciaram padrões globais. Esse corpo, projetado como signo de identidade nacional, resulta de uma longa tradição de exotização e reinterpretação cultural do feminino tropical, reafirmando-se na interseção entre estética e regimes de visibilidade. Sua difusão global revela tanto um orgulho estético quanto a persistência de desigualdades: o corpo “brasileiro” que circula nas mídias é um artefato produzido por técnicas de mercado, acesso e consumo, distanciando-se do cotidiano da maior parte da população. O reconhecimento dessa estética foi reforçado por veículos como BBC Brasil e *The New York Times* que exploraram o “bumbum brasileiro”¹², e cirurgias estéticas, que associaram o país a uma expertise única na produção de curvas. O domínio na categoria Wellness¹³ evidencia que o corpo nacional transitou de objeto de exotismo a modelo técnico de excelência (Oliveira, 2024), consolidando a brasilidade (Goldenberg, 2007) como um capital simbólico e mercadológico que, todavia, contrasta com as reais condições de saúde e nutrição de grande parte da população.

A ascensão de atletas como Francielle Mattos e Eduarda Bezerra no cenário global não é um evento isolado, mas a culminância de uma cultura em que o corpo opera como a principal forma de capital (Goldenberg, 2007). Na sociedade brasileira, o corpo não é apenas um invólucro, mas um ativo de distinção social e reconhecimento que, no contexto da categoria Wellness, é refinado por técnicas disciplinares que convertem a sensualidade tropical em métrica competitiva e padrão de excelência técnica (Oliveira, 2024).

Prova dessa influência é que a categoria foi oficializada pela Federação Internacional de Fisiculturismo (IFBB) em 2017 como uma resposta direta à estética popularizada em competições brasileiras. Diferente das divisões tradicionais norte-americanas e europeias, a Wellness institucionalizou o padrão de corpo feminino nacional — caracterizado pela ênfase na hipertrofia de membros inferiores sem perda da harmonia estética —, representando um ponto de inflexão biopolítico no qual uma demanda cultural do Sul Global foi incorporada como norma esportiva e mercadológica internacional (Oliveira, 2024).

O sucesso dessa estética revela o entrelaçamento entre corpo, mercado e imaginário nacional. A sensualidade, antes espontânea, tornou-se resultado de cálculo técnico e intervenção. O corpo, transformado em vitrine, é também mercadoria simbólica que expressa como o Brasil se projeta no mundo: disciplinado, potente e desejável. Essa convergência entre performance e identidade prepara o terreno para refletir sobre gênero e nacionalidade, mostrando como o fisiculturismo se torna laboratório de imagens do Brasil. O corpo atlético brasileiro torna-se espaço liminar onde técnica global (treino e suplementação) encontra performance

¹² A reportagem “Os levantamentos de bumbum estão em alta. Cura não é brincadeira”, é um exemplo de como a mídia internacional apresenta o corpo brasileiro. *The New York Times*, May 11, 2022. Disponível em: <https://www.nytimes.com/interactive/2022/05/11/magazine/brazilian-butt-lift.html>. Acesso em: 4 fev. 2026.

¹³ A reportagem “Wellness: conheça a categoria do Mr. Olympia criada no Brasil” apresenta como ocorreu o surgimento da categoria Wellness, a qual afirmam ser “inspirada no corpo das brasileiras”. (CONSOLIN, Beatriz. Wellness. *CNN Esportes*, 10 out. 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/wellness-conheca-a-categoria-do-mr-olympia-criada-no-brasil/>. Acesso em: 4 fev. 2026.

nacional (sensualidade, força, narrativa de superação), projetando uma imagem de modernidade simultaneamente autêntica e fabricada.

4 CONCLUSÃO: O CORPO BRASILEIRO COMO LABORATÓRIO DE IDENTIDADE

O crescimento do fisiculturismo no Brasil nas últimas décadas ultrapassa amplamente a dimensão esportiva. Academias cheias, a circulação massiva de imagens corporais nas redes e a presença constante de atletas brasileiros nos principais palcos internacionais indicam que o culto ao corpo se consolidou como fenômeno cultural, social e simbólico. Nesse cenário, o país afirma-se como espaço privilegiado de produção de corpos e narrativas sobre disciplina, estética e superação, em que a musculatura deixa de ser atributo individual para tornar-se vetor de reconhecimento coletivo e projeção nacional. O corpo fisiculturista já não se encerra no palco competitivo: ele se prolonga na imagem, na repetição e na visibilidade contínua, convertendo treino, sacrifício e forma em linguagem social compartilhável.

Ao longo deste ensaio, argumentou-se que o fisiculturismo brasileiro pode expressar um modo particular de governar e produzir o corpo na contemporaneidade. Em diálogo com Foucault (2019, 2020), evidenciou-se como o cultivo corporal articula disciplina, bioascese e autogestão, transformando o corpo em objeto permanente de intervenção e investimento moral. As contribuições de Rose (1998, 2013) permitem compreender esse processo como parte de um regime mais amplo de responsabilização individual, no qual o sujeito é convocado a administrar sua própria vitalidade, desempenho e visibilidade. Nesse contexto, o fisiculturismo opera como forma exemplar de governo de si: a liberdade de se transformar convive com normas estéticas e éticas rigorosas, e a forma corporal final funciona como prova visível de mérito, sacrifício e autocontrole.

Para além de sua relevância como fenômeno cultural, o fisiculturismo interpela diretamente o campo da Educação Física ao colocar em tensão os modos pelos quais corpo, saúde, performance e técnica são socialmente ensinados, legitimados e consumidos. A circulação ampliada de pedagogias corporais informais, mediadas por influenciadores, plataformas digitais e mercados do fitness, reconfigura a autoridade tradicional da formação profissional e institui novos regimes de verdade sobre o corpo eficiente, disciplinado e visível. Nesse sentido, o fisiculturismo não apenas amplia o repertório das práticas corporais contemporâneas, mas convoca a Educação Física a problematizar criticamente sua participação na produção, regulação e disputa dos ideais corporais na sociedade brasileira.

Conclui-se, portanto, que o corpo brasileiro no fisiculturismo contemporâneo não é apenas um objeto de treinamento, mas um território de experimentação ética e política. Sustenta-se que ele opera como um laboratório de identidade, no qual técnica e subjetividade se entrelaçam na produção de uma ética própria da atualidade. Em última análise, o fisiculturismo no Brasil revela a face mais visível de uma biopolítica que exige a exposição total do eu como prova de mérito. Ao cruzar a noção de corpo como capital com o imperativo da otimização contínua, o país

projeta um laboratório de identidade onde o músculo esculpido tenta camuflar as tensões de uma subjetividade precária. Reconhecer o fisiculturismo como fenômeno social implica, portanto, denunciar a lógica que reduz a existência à performance, transformando a ética do cuidado de si em uma obrigação de produtividade estética ininterrupta.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

FOUCAULT, Michel. **O nascimento da biopolítica: curso no Collège de France (1978–1979)**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 2020.

GOLDENBERG, Mirian. O corpo como capital: para compreender a cultura brasileira. **Arquivos em Movimento**, v. 2, n. 2, p. 115-123, jul./dez. 2006. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/am/article/view/9083>. Acesso em: 4 fev. 2026.

GOLDENBERG, Mirian (org.) **Nu & Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. 2 ed., Rio de Janeiro: Record, 2007. p. 79-137

GOLDENBERG, Mirian. O corpo como capital: gênero, casamento e envelhecimento na cultura brasileira. **Redige**, v. 1, n. 1, p. 192-200, 2010a.

GOLDENBERG, Mirian. The body as capital. understanding Brazilian culture. **VIBRANT: Vibrant Virtual Brazilian Anthropology**, v. 7, n. 1, p. 220-238, 2010b. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4069/406941909013.pdf>. Acesso em: 04 fev. 2026.

LE BRETON, David. **La sociologie du corps**. Paris: Puf, 2016.

MACHADO, Eduardo Pinto. “**Segue o plano!**”: a relação de autoridade/obediência entre coach e pupilo no processo de construção corporal do fisiculturista. 2020. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/221616>. Acesso em: 5 fev. 2026.

MACHADO, Eduardo Pinto; FRAGA, Alex Branco. Etnografia realista: uma proposta para vivenciar um objeto de estudo “na própria pele”. **Pro-Posições**, v. 35, p. e2024c0504BR, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2022-0049BR>

OLIVEIRA, Eduarda Lirio de. **This is wellness: entre potencialização muscular e a “hiperfeminilidade”, novas fronteiras para o fisiculturismo**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Educação Física) — Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2024. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/279591/001211456.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 4 fev. 2026.

ROHDEN, Fabíola. Vida saudável *versus* vida aprimorada: tecnologias biomédicas, processos de subjetivação e aprimoramento. **Horizontes Antropológicos**, v. 23, n. 47, p. 29-60, jan./abr. 2017. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832017000100002>

ROSE, Nikolas. Governando a alma: a formação do eu privado. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Liberdades reguladas: a pedagogia construtivista e outras formas de governo do eu**. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 30-45.

ROSE, Nikolas. **A política da própria vida**: biomedicina, poder e subjetividade no século XXI. São Paulo: Paulus, 2013.

SILVA, Alan Camargo; FERREIRA, Jaqueline. Musculação e cotidiano laboral: significados atribuídos às dores corporais em uma academia de ginástica do Rio de Janeiro. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 24, n. 10, p. 3969-3976, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-812320182410.26282017>

Abstract: This essay examines the consolidation of Brazilian bodybuilding on the international stage by analyzing contemporary transformations in the production, governance, and visibility of the body. Drawing on the theoretical contributions of Michel Foucault and Nikolas Rose, the bodybuilder is understood as a subject who internalizes practices of bioasceticism, self-government, and responsabilization, converting the body into a technical, aesthetic, and continuously optimizable project. The analysis situates the bodybuilder's body at the intersection of biopolitics, technique, market dynamics, and digital culture, emphasizing how the mediatization of training and daily routines establishes regimes of continuous visibility mediated by digital platforms. It is argued that the possible emergence of a "Brazilian turn" in bodybuilding results from the convergence between a bodily aesthetic historically produced within the Brazilian context and the logic of digital fitness culture, which transforms discipline into content, engagement, and symbolic capital. In this process, Brazilian bodybuilding operates as a body laboratory for aesthetic and identity experimentation, in which the body functions as an ethical, political, and cultural artifact, revealing central tensions of contemporary subjectivity in a globalized world.

Keywords: Bodybuilding. Body. Biopolitics. Identity.

Resumen: Este ensayo analiza la consolidación del fisicoculturismo brasileño en el escenario internacional a partir de las transformaciones contemporáneas en los modos de producir, gobernar y tornar visible el cuerpo. A partir de los aportes teóricos de Michel Foucault y Nikolas Rose, el fisicoculturista es comprendido como un sujeto que internaliza prácticas de bioascesis, autogobierno y responsabilización, convirtiendo el cuerpo en un proyecto técnico, estético y continuamente optimizable. El análisis sitúa el cuerpo en la intersección entre biopolítica, técnica, dinámicas de mercado y cultura digital, destacando cómo la mediatización del entrenamiento y de las rutinas cotidianas instituye regímenes de visibilidad continua mediados por plataformas digitales. Se sostiene que el posible surgimiento de una "virada brasileña" del fisicoculturismo resulta de la convergencia entre una estética corporal históricamente producida en el contexto brasileño y la lógica de la cultura fitness digital, que transforma la disciplina en contenido, compromiso y capital simbólico. En este proceso, el fisicoculturismo brasileño opera como un laboratorio corporal de experimentación estética e identitaria, en el cual el cuerpo funciona como un artefacto ético, político y cultural, revelando tensiones centrales de la subjetividad contemporánea en un mundo globalizado.

Palabras clave: Fisicoculturismo. Cuerpo. Biopolítica. Identidad.

LICENÇA DE USO

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o trabalho original seja corretamente citado. Mais informações em: <http://creativecommons.org/licenses/by/4.0>

CONFLITO DE INTERESSES

Os autores declararam que não existe nenhum conflito de interesses neste trabalho.

CONTRIBUIÇÕES AUTORAIS

Eduardo Pinto Machado: Primeiro autor. Idealizador do ensaio. Responsável pela redação original do texto. Responsável pela problematização teórica a partir de Rose.

Alan Camargo Silva: Segundo autor. Responsável pela revisão da redação original. Responsável pela problematização teórica foucaultiana.

FINANCIAMENTO

O presente trabalho foi realizado sem o apoio de fontes financiadoras.

DISPONIBILIDADE DE DADOS DE PESQUISA

Os dados de pesquisa só estão disponíveis mediante solicitação.

COMO REFERENCIAR

MACHADO, Eduardo Pinto; SILVA, Alan Camargo. O fisiculturismo brasileiro como laboratório corporal: biopolítica, estética e mercado do corpo. **Movimento**, v. 32, p. e32034, jan./dez. 2026. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.153458>

RESPONSABILIDADE EDITORIAL

 Alex Branco Fraga*

 Elisandro Schultz Wittizorecki*

 Mauro Myskiw*

 Raquel da Silveira*

* Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Porto Alegre, RS, Brasil.